

SABERES, FAZERES E APRENDIZAGENS NA FEIRA LIVRE DE SANTO AMARO - BA¹

Caroline Vitória de Barros Santos²

RESUMO

Este estudo tem como objeto os saberes, fazeres e aprendizagens construídos pelos feirantes na feira livre de Santo Amaro Ba, em torno da sociabilidade que agrega uma diversidade cultural específica do lugar. Buscando pensar a feira como um espaço educativo, tem como objetivo principal analisar os saberes, fazeres e aprendizagens das feirantes e dos feirantes da feira livre de Santo Amaro-BA. A metodologia de abordagem qualitativa exploratória utilizou como técnicas de coleta de informações, a observação e a entrevista semiestruturada com quatro feirantes. Os relatos apontam que os saberes e aprendizagens no contexto da feira livre são diários e a cada situação as feirantes e os feirantes aprendem e repassam os seus saberes, seja por meio de informações ou das experiências vivenciadas. Conclui que na dinâmica e transitoriedade natural da feira, da diversidade de culturas, as práticas sociais e comerciais, assim como a ajuda mútua presentes no cotidiano se transformam a todo instante em saberes e aprendizagens, ainda que algumas dessas pessoas nunca tenham passado por uma escola formal.

Palavras-chave: Cultura. Feirantes. Feiras livres - Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This study has as its object the knowledge, doings and learning built by the vendors at the Santo Amaro Ba fair, around the sociability that adds a specific cultural diversity of the place. Seeking to think of the fair as an educational space, it has as main objective to analyze the knowledge, doings and learning of the fair and the fairground of the free fair of Santo Amaro-BA. The exploratory qualitative approach methodology used observation and semi-structured interviews with four vendors as information collection techniques. The reports point out that knowledge and learning in the context of the open market are daily and in each situation the market vendors learn and pass on their knowledge, whether through information or experiences. It concludes that in the dynamics and natural transience of the fair, the diversity of cultures, social and commercial practices, as well as mutual help present in everyday life, are transformed at all times into knowledge and learning, even though some of these people have never been through a school. formal.

Keywords: Culture. Free fairs - Santo Amaro (BA). Marketers.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Campus Malês (BA), sob orientação da Prof^a Dra. Carla Verônica A. Almeida.

² Graduanda - Licenciatura em Pedagogia - Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo decorre de uma motivação pessoal ao longo dos meus 24 anos e da visão que construí durante esse tempo como filha de pais comerciantes. Tínhamos uma loja própria que ficava na frente de nossa casa, localizada na Avenida Presidente Getúlio Vargas, às margens do rio Subaé, na mesma rua em que acontece a feira-livre na cidade de Santo Amaro no Recôncavo Baiano. A loja vendia produtos das mais variadas espécies dentre eles, geladinho, picolé, CD, DVD, etc.

A desvalorização da feira-livre e a falta de cuidados diante da estrutura precária, a pouca higiene e desorganização das barracas sempre me chamou a atenção. Além da curiosidade em conhecer quem eram aquelas pessoas que trabalhavam na feira. O que posteriormente se constituiu como uma das inquietações que me motivaram a investigar sobre o tema.

Quando criança, frequentava a feira constantemente, em vários dias da semana, acompanhando minha mãe (já falecida) às compras. Durante a infância criei vínculos com pessoas que me viram crescer, vivenciei um conjunto de aspectos ligados a pessoas, espaços e classes sociais. Com o tempo me dei conta da diversidade de olhares dirigidos para a feira livre. Quem vinha de fora valorizava bastante aquele espaço, a ponto de enxergar a feira livre de Santo Amaro como um ponto turístico. Enquanto outros, principalmente os moradores da cidade, direcionavam um olhar negativo, colocando a rua da feira como um espaço estereotipado, com pessoas marginalizadas. Não foram poucas às vezes em que sofri tentativas de inferiorização por morar em um espaço próximo a feira.

A contradição existente entre esses olhares despertava minha atenção e ao mesmo tempo, abria os meus olhos para perceber os diálogos corriqueiros, as visões atravessadas, o preconceito latente na postura de algumas pessoas. Assim, a cada ida à feira ia observando suas características específicas que a tornavam única, ao enxergar a arte e a riqueza presentes naquele conjunto de coisas, pessoas e ambiências que me circundavam.

Na condição de iniciante no campo da pesquisa e moradora da cidade de Santo Amaro, percebo uma grande teia de relações e significados na trajetória dos feirantes: as histórias, saberes e aprendizagens que se escondem por trás de cada banca dos mais variados produtos, assim como os motivos que fizeram com que homens e mulheres estivessem neste espaço. A sociabilidade que acontece há anos no cotidiano da feira me chamou atenção ao ponto de querer enfatizá-la no sentido de “comunidade”. Para Bauman (2003), o sentido de

comunidade perpassa pelo estado em que se encontram as associações humanas densamente interligadas. O que é evidenciado pelos laços estabelecidos entre as(os) feirantes e entre eles e as (os) freguesas(es) que se vão se conhecendo ou se conhecem. Nesse sentido, Sato (2007), evidencia que a feira livre

[...] como espaço de trabalho faz-se da beleza, da brincadeira e move-se num mundo ritual, o que faz sobressair sua dimensão como espaço de convivência social. Valendo-se da prerrogativa de ser uma atividade itinerante e de acontecer no espaço público, a feira livre caracteriza-se por estruturar-se numa ampla rede de relações sociais que mescla diversas gramáticas sociais e vale-se de regras tácitas (SATO, 2007, p.7).

A feira livre possui uma diversidade de significados durante seu processo de existência e resistência, que agrega todos às práticas e fazeres diários, nos encontros rápidos e nas conversas alongadas que percorrem o espaço. Vale ressaltar que cada feira possui características específicas de sua região, porém seus aspectos culturais podem ser encontrados em qualquer uma delas.

De modo geral “os feirantes são trabalhadores não necessariamente qualificados, com formação escolar também não necessariamente completa, afinal, ter escolaridade não é condição para “se dar bem” na feira. Negociar se aprende, negociando” (SÁ, 2019, p 57). Ou seja, histórias de pessoas que iniciaram a vida trabalhando desde cedo para o auto sustento ou ajudar no sustento da família. Pessoas que muitas vezes deixaram de estudar para trabalhar e que mesmo fora do sistema educacional formal, possuem conteúdos e saberes próprios, oriundos do dia a dia, como nos alerta Freire (2016, p. 68): "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes". E neste sentido, as aprendizagens vão sendo tecidas e construídas em espaços e itinerários, por saberes diversos.

Via de regra, as feirantes e os feirantes de Santo Amaro abarcam a população mais empobrecida da cidade que não teve a oportunidade de se integrar no mercado de trabalho formal. Por ser uma atividade informal, o trabalho na feira não exige escolaridade. Sendo assim, pessoas de qualquer faixa etária podem se tornar feirantes. Além disso, outros fatores como condições sociais e desemprego levam as pessoas a trabalharem na feira. Boa parte desenvolve esta atividade com sua própria família, evidenciando um aspecto intergeracional da prática.

Cabe salientar que as práticas cotidianas dos trabalhadores que comercializam alimentos na feira livre em Santo Amaro - Ba, onde o comércio se apresenta de forma variada,

foram parte significativa de meus estudos. Assim, movida pelo interesse pelos saberes e fazeres das vendedoras e dos vendedores de alimentos, conhecidas (os) também por feirantes, intencionamos saber: Quais os saberes, fazeres e aprendizagens construídos pelos feirantes e pelas feirantes, na Feira Livre de Santo Amaro – BA?

Na perspectiva de alcançarmos respostas para a questão delineada traçamos como objetivo maior desta investigação: assimilar os saberes, fazeres e aprendizagens das feirantes e dos feirantes da feira livre de Santo Amaro-BA. E como objetivos específicos: compreender a relação cultural existente entre a feira, os feirantes e os fregueses, apresentar o cenário da feira livre de Santo Amaro como um espaço educativo e analisar os saberes, fazeres e aprendizagens constituídas pelos feirantes na feira livre.

Através dos relatos das feirantes e dos feirantes poderemos refletir sobre suas práticas sociais, seus conhecimentos gerais e traços marcantes das experiências de vida ligadas às atividades de feirantes; aspectos fundamentais para a compreensão do objeto em estudo. De onde vieram aquelas pessoas? Estavam ali por opção ou falta de opção? De onde vêm seus conhecimentos? Quais as dificuldades e as delícias de ser feirante?

A diversidade de saberes, aprendizagens, experiências, as alegrias e dificuldades do dia a dia fortalecem os laços entre as trabalhadoras e os trabalhadores. É perceptível a ajuda mútua que existe entre eles: uns indicam outros, ajudam em trocos, ou favores necessários diante de algum imprevisto, como quando um vendedor tem que sair e o outro se responsabiliza pela venda, estabelecendo uma troca de confiança estabelecida no dia a dia. As pessoas são empáticas, pois, entendem a realidade do outro; por trás de cada vendedor(a) há uma história, sonhos e também decepções.

Durante o processo de pesquisa surgiu a temida pandemia da Covid-19, que modificou a rotina de todo mundo, e também o processo comercial e comportamental entre as pessoas. Logo, a ação costumeira de “fazer a feira” se tornou um risco, o comércio ficou fechado por um tempo diante das medidas de isolamento social, para evitar o contágio. Nesse mesmo período algumas pessoas começaram a trabalhar com o *delivery* comercial, uma alternativa para os feirantes que não podiam abrir o seu comércio físico.

Frente a este contexto restritivo, eu e minha companheira começamos a vender almoço, cujo cardápio principal é camarão e frutos do mar. A atuação na área alimentícia me conectou ainda mais com a realidade da feira e das feirantes e dos feirantes. A necessidade de compra e venda em um período de distanciamento conseguiu estabelecer uma relação social

afetiva maior, ainda que sob distanciamento social. O mundo entrou em crise e nesse sentido, diante das dificuldades, era preciso vender mais do que nunca. Cabe salientar que neste universo, muitos se encontravam na faixa etária mais afetada no grupo de risco da Covid-19. E frente a necessidade de sobrevivência, precisavam comprar, comer, vender.

Aos poucos, a rede de compra e venda foi fortalecida através de uma cooperação mútua entre feirantes, os problemas corriqueiros foram se ajustando diante da correria do dia a dia, abrindo espaço para o resgate das conversas, piadas, apelidos e brincadeiras. Até mesmo os visitantes que estão de passagem se contagiaram com a alegria e energia popular da feira.

Os Caminhos da Pesquisa

Para trilharmos os caminhos desta investigação, optamos pela abordagem qualitativa de caráter exploratório, uma vez que envolve “o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GIL, 2014, p. 41). Nesse sentido, por se tratar de um espaço de movimento e transitoriedade, que agrega uma variedade de classes sociais e conseqüentemente uma significativa diversidade cultural, utilizamos a entrevista semiestruturada e a observação das diferentes dinâmicas presentes na feira.

A observação foi desenvolvida por meio de visitas a feira com o propósito de colher a partir do olhar e da escuta, dados apreendidos do cotidiano das feirantes e dos feirantes, assim como os diálogos informais que transitam em seus diferentes espaços. Assim, torna-se relevante observarmos o que os praticantes da feira livre de Santo Amaro fazem. Suas rotinas, costumes, estratégias de vendas e vocabulários, estabelecendo relações, observando a diversidade que compõe a feira livre.

A entrevista semiestruturada é considerada como uma técnica de coleta de dados apreendidos através de informações de outra pessoa “[...] havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica” (ANDRÉ; LUDKE, 1989, p. 33). As entrevistas foram gravadas (com a autorização dos participantes) e transcritas posteriormente.

Foram pesquisadas também fontes escritas, como jornais, documentos oficiais, pesquisas realizadas mencionando o mercado e o tema da feira livre. A feira livre foi

observada e analisada detalhadamente a partir do olhar voltado ao seu cotidiano, às vicissitudes, dificuldades, experiências diárias, condições de trabalho e possibilidades das feirantes e dos feirantes, para compreendê-los melhor frente à realidade que os cerca.

Feirantes, Freguesas e Fregueses: a relevância cultural da Feira Livre

As feiras adotam características da identidade cultural de cada local onde são instaladas, uma vez que sofrem a influência do seu processo histórico, do perfil dos feirantes e dos fregueses, do vocabulário usado entre eles, a “velha” possibilidade do “pechinche” e a sociabilidade que inevitavelmente domina todo o espaço. O próprio clima da feira possui importância social e cultural. O simples fato de caminhar pela rua desviando de pessoas, carrinhos, cachorros e restos de vegetais, em meio a gritos, ofertas e sacolas pesadas faz parte de uma tradição que resistiu ao tempo e a evolução social.

No Brasil, a origem da feira livre nos remete ao período colonial, época em que se constituíam como a principal atividade de troca e vendas entre comerciantes e viajantes, tornando-as parte da tradição e da história das cidades. Para Singer (1987), a economia de mercado é muito antiga e desde os primórdios as diferentes sociedades organizavam sua vida econômica sob forma de produção especializada de bens que eram intercambiados em feiras sazonais de mercados permanentes.

O espaço da feira se torna familiar às pessoas que diariamente frequentam o lugar, virando "fregueses" e criando amizades, ligando vidas e culturas distintas, atenuando as diferenças sociais que também marcam a população, preservando os aspectos primordiais de seu desenvolvimento. Braudel assinala que:

[...] a feira é um natural centro da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes. É nela que circulam as novidades políticas e as outras (BRAUDEL, 1998, p.16).

De fato, é válido mencionar que a realidade da feira ultrapassa um sentido meramente comercial, pois abarca uma dimensão de encontro e relação social entre variadas culturas e experiências diárias. Ali o urbano e o rural se mesclam formando uma identidade coletiva. As cores se misturam com os cheiros que por sua vez se misturam com as variadas vozes que não param de anunciar as promoções do dia. Os feirantes usam suas vozes e sua criatividade para

chamarem a atenção dos fregueses de toda forma possível. Bom humor e determinação é algo que não falta.

Segundo Sayuri (2010), algumas feiras livres no Brasil se destacam por se transformarem em pontos turísticos para quem visita as cidades brasileiras e nesse sentido, podem ser consideradas como atrativos turísticos, tendo em vista os aspectos rústicos e peculiares da localidade pelo próprio turista. É perceptível como o cenário da feira livre é diverso: as pessoas, a diversidade de produtos, elementos históricos, culturais e gastronomia que fazem parte desse local. A peculiaridade da feira atrai os turistas, motivando-os a conhecerem a sua origem, sua história, ainda muito presente nos dias atuais. O que geralmente representa a história da própria cidade e de seu povo. Os feirantes são, via de regra, pessoas simples que estão (na maioria das vezes) de bom humor e dinâmicos em suas vendagens.

Por detrás de cada barraca existe uma ‘diversidade de almas’ com sentimentos, planos, medos e histórias diferentes umas das outras que as levaram até ali por motivos diferentes mas em alguns casos parecidos. Alguns por pura sobrevivência, falta de opção ou obrigação familiar, outros por autonomia, por escolha própria. São homens e mulheres de diferentes idades e procedências: pais, mães, avôs, tios, filhos, filhas, sobrinhos, sobrinhas com históricos variados de trabalho no local. Na feira livre parecem inseridos numa rede de solidariedade e ajuda mútua. É ali que ficam à espera das pessoas vindas dos muitos lugares da cidade e da região, seus “*fregueses*”. Podemos dizer que a figura do “*freguês*”, para quem vende na rua, é sagrada.

Os feirantes oferecem seus produtos através de propagandas verbais usadas como forma de comunicação popular para atrair freguesas e fregueses. No vai e vem da multidão, frases do tipo são entoadas: “*Quer limão freguesa? Tá verdinho*”; “*Mulher casada aqui não paga só quem paga é o marido, freguesa!*”; “*Olha a uva sem caroço meu freguês, tá docinha! Vai levar hoje não?*”, “*Olha o tempero verde, tá fresquinho, esperando pela senhora!*”, “*Mulher bonita não paga, mas também não leva!*”, “*Olha a verdura, hoje tá de dois reais o quilo*”, “*Aqui o freguês tem sempre razão*”, dentre outras.

Nos jogos verbais com os quais os feirantes travam suas relações na feira livre, estão evidenciados os sistemas simbólicos que mediam a ação destes sujeitos no mundo, ordenando e interpretando o presente e a realidade vivida a partir da fala [...] (VEDANA, 2004, p. 82).

As propagandas verbais fazem parte do repertório dos vendedores em suas estratégias

de venda e soam variamente entre a população. Não precisa muito para “virar” freguês, basta parar diante de uma barraca ou fazer-se ouvir a voz do vendedor. A condição do “ser freguês” não passa necessariamente pela compra, mas também pela conversa. Outra estratégia de venda é aquela dos feirantes fruteiros, que oferecem provas de degustação para a freguesia, para que estes averiguem a qualidade do produto e retornem na próxima compra. Há também as estratégias do famoso “pechinche” entre freguesas, fregueses para com os feirantes. Para conseguirem um preço mais baixo iniciam uma negociação amigável: *“Um alface é três reais e se eu levar dois faz por cinco?”*, *“a penca de banana é quatro reais. Mas tá muito pequena, moço! Eu levo se fizer por três...”*. E neste movimento, não só as relações comerciais são tecidas mas, os laços de afeto vão sendo construídos.

Feira como espaço de aprendizagem

As aprendizagens e saberes encontrados na feira livre fazem parte do cotidiano da sociedade, e muitas vezes passam despercebidos por já fazerem parte da rotina do espaço. A feira possui uma educação não formalizada, onde os saberes são construídos no “mundo da vida” como afirma Gohn (2010, p. 6). Uma educação que parte da construção de um conhecimento que se baseia em suas realidades, interesses e experiências, ou seja, a ideia de aprender mecanicamente (pedagogia tradicional) é descartada. As aprendizagens são geradas por meio dos processos de compartilhamento de experiências entre os que frequentam e trabalham neste espaço.

Muitas vezes as aprendizagens e saberes encontradas na feira livre são tão naturais e corriqueiras que nem sempre as pessoas percebem o quanto estão ligadas a esse processo educativo. De fato na feira se aprende na prática, vivendo a feira, fazendo parte desse ciclo que supera o sentido de ser apenas um espaço comercial e abrange espaços que ocupam diversas categorias no ramo social. A resistência negra se torna uma representação nítida nesse espaço, a presença de homens e mulheres que sobrevivem do comércio assim como os seus antepassados sobreviveram, suas próprias presenças e práticas cotidianas revelam o quanto o seu povo resistiu, em meio a tantas mudanças políticas, sociais, econômicas, estruturais e tecnológicas, a feira resistiu.

Aprender e saber ser feirante constituem-se como uma via de mão única, os saberes e aprendizagens construídos no dia a dia da feira livre tornam as feirantes e os feirantes protagonistas não só de suas próprias histórias, mas também da história de um povo. Ser

feirante requer habilidades específicas como atenção, sagacidade e sociabilidade para negociar com os clientes, além de saber lidar com a matemática que se faz presente nos cálculos entre uma venda e outra, e também durante toda trajetória administrativa de gerir o seu próprio negócio. A organização diária exigida pela feira torna o feirante um trabalhador autônomo, que se responsabiliza pelo processo e resultado de suas vendagens. Logo, o raciocínio lógico e o conhecimento administrativo é tecido durante sua trajetória de vendas, tornando-os hábeis no ato de pesquisar, selecionar, comprar, armazenar, apresentar visualmente e verbalmente os seus produtos e enfim, vender.

O meio sociocultural onde se vive e a classe social a que pertence fazem parte da construção da cultura dos indivíduos. Ou seja, o que tencionamos deixar claro é que não existem conteúdos "chapados", absorvidos acriticamente, de fora para dentro. Sempre há recriação, reelaboração interna, mental, de tal forma que o que foi aprendido é retraduzido por novos códigos, de dentro para fora, e ao se expressar como linguagem ou comportamento, é um conhecimento elaborado (GOHN, 2010, p. 39).

A sociabilidade encontrada na feira livre decorre do processo de integração e participação da sociedade com o espaço. A feira também ensina a ser humano, a pensar, a sentir, a enxergar a necessidade e importância da ajuda mútua, da coletividade e solidariedade. Além das relações comerciais, culturais, pessoais e interpessoais, encontramos também uma relação de igualdade dos gêneros, homens e mulheres ocupam as mesmas funções, em conjunto ou individualmente, como discute La Riva (2006), ao se referir atualmente as mulheres e apontar que elas lutam pelo reconhecimento não apenas dos seus direitos reprodutivos, de sua produtividade, como criadoras, empreendedoras, trabalhadoras incorporadas no mercado de trabalho, sem perder sua singularidade e sem masculinização do trabalho feminino.

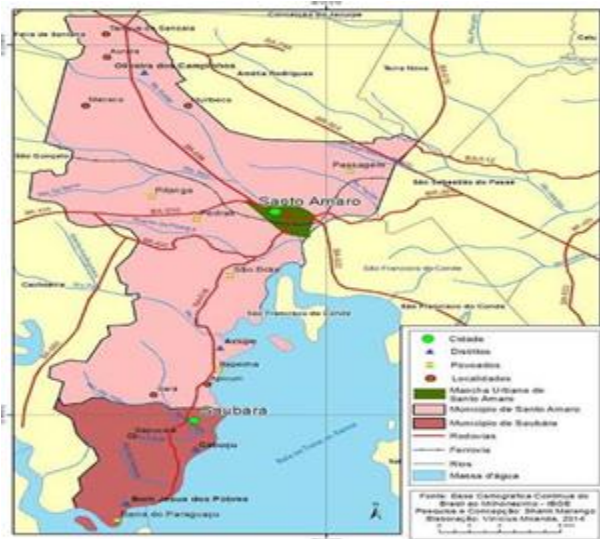
Todavia as mulheres ocupam um lugar muito importante como trabalhadoras no âmbito da feira livre. Em um sistema patriarcal, repleto de conceitos e preconceitos históricos da divisão de gêneros, as mulheres conseguiram sua autonomia, se encarregando de diversas funções, sem segregação de gêneros. A feira livre não é somente um espaço de saberes e aprendizagens, mas também de conexão e reconexão com nossos antepassados. As mulheres feirantes de hoje, mostram o quanto valeu a pena a resistência feminina de todas as mulheres na trajetória histórica não só do nosso país como no mundo. Contudo os saberes e aprendizagens estão interligados a diversas representações sociais, que parte de reelaborações

contínuas e confrontações que resultam em ressignificados de conteúdo, ações, reações e produção de saberes entre os feirantes e a feira livre.

A Feira Livre de Santo Amaro

A cidade de Santo Amaro da Purificação (Bahia) está situada a 70 km da capital, Salvador, e é composta por uma população de 61.407 habitantes (IBGE, 2010). A cidade é conhecida por possuir uma trajetória histórica muito marcante, mantendo seus patrimônios históricos, culturais e as riquezas naturais. Segundo dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2011)³, são 75 prédios de valor histórico e arquitetônico distribuídos por 27 ruas no centro histórico, situado entre a Praça da Purificação e o Rosário.

Imagem 01: Localização da Cidade de Santo Amaro - Ba



Fonte: Ba Via Google

Imagem 02: Praça da Purificação Santo Amaro - Ba



Fonte: guiadoturismobrasil.com

A cidade mantém uma diversidade de belezas naturais como cachoeiras e algumas praias próximas. Seus festejos populares mantém a cultura sempre ativa no calendário anual, como o famoso Bembé⁴ do Mercado, que é o único candomblé de rua do mundo, com várias

³ Informação disponível em: <portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/288> Acesso em: 22 jan. 2021.

⁴ Manifestação cultural e religiosa que acontece desde o final do século XIX quando um grupo de negros, reuniram-se em praça pública para comemorar a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888, no município de Santo Amaro da Purificação. É conhecida como Bembé do Mercado, Festa de Preto ou Candomblé da Liberdade. **Fonte:** Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/bembe-do-mercado>

manifestações culturais, que já acontece há muitos anos no espaço da Feira-livre da cidade foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN em 2019.

Informações do portal “Visite o Brasil”, apontam que na metade do século XVII houve uma morte trágica de um jesuíta no local onde a população morava, tornando o lugar amaldiçoado. Logo, todos se mudaram para as proximidades do rio Subaé, onde os padres Beneditinos construíram a capela. Nesse período, a zona rural tinha inúmeros engenhos e casas de farinha. Em 1700 o povoamento se deslocou para a praça de Nossa Senhora da Purificação, onde fica a Matriz e a casa de Câmara. Vinte e sete anos depois (1727), Santo Amaro foi elevada a categoria de vila, se apossando do nome de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro⁵.

O rio Subaé era uma via de transporte importantíssima na história da cidade, ao contrário do seu estado atual, antigamente ele não era poluído e era responsável pelo transporte de várias mercadorias como açúcar, cachaça, fumo, vinagre, farinha de mandioca, rapadura e até mesmo o transporte de passageiros para cidades próximas.

Imagem 03: Rio Subaé
Santo Amaro – BA (2000)



Fotógrafo: Álvaro Ricardo (acervo pessoal)

Imagem 04: Feira Livre
Santo Amaro – BA (março de 1985)



Fotógrafo: Nailton Oliveira Santos (acervo pessoal)

A feira ocupa um espaço fixo da cidade há muito tempo, se inicia na Ponte da Moringa e vai até as proximidades do Convento dos Humildes, o espaço estende-se por cerca de 500 metros, sempre seguindo a margens do rio Subaé. A diversidade dos produtos, cores, cheiros,

⁵ Informações disponíveis no site <<https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/bahia/baia-de-todos-os-santos/historia/santo-amaro-da-purificacao>>. Acesso em 17 jan. 2021.

peças e culturas sempre marcaram o dia a dia da feira, estabelecendo uma rotina que sempre superou o sentido comercial, possibilitando que as pessoas criassem vínculos sociais e pessoais. Historicamente mercados e feiras,

[...] adquiriram uma importância muito grande que ultrapassa seu papel comercial, transformando-se, em muitas sociedades, num entreposto de trocas culturais e de aprendizado, onde pessoas de várias localidades congregavam-se estabelecendo laços de sociabilidade (ARAÚJO; BARBOSA, 2004, p. 2).

A feira livre que acontece há décadas no mercado de Santo Amaro é um patrimônio histórico da cidade, ocupando um espaço de grande relevância social, econômica e cultural. Ali tudo se encontra: tomate, cebola, hortaliças, farinha, beiju, maniçoba, especiarias em geral, da carne ao peixe e o fato, carne em conserva, camarão seco e o amendoim, como também o azeite. Como toda feira livre, existe um recinto chamado “Mercado da Farinha”, sendo um dos locais de descontração e lazer, onde as pessoas se encontram tomar “pinga” em rodas de conversa para descontração. Funciona de segunda a sábado em uma rotina muito ativa e produtiva. Sua localização não foi planejada pela prefeitura.

Imagem 05: Localização da Feira Livre às margens do Rio Subaé - Santo Amaro - Ba



Fotógrafo: Nailton Oliveira Santos (acervo pessoal)

Imagem 06: Feira Livre (2020) Santo Amaro - Ba



Fotógrafo: Jonas Santos (acervo pessoal)

Ao longo dos anos os vendedores foram colocando suas barracas às margens do rio Subaé, que antigamente servia como uma via de transporte para moradores e comerciantes de cidades vizinhas, que traziam e levavam suas mercadorias em pequenas embarcações e canoas. O rio teve grande participação no processo histórico de formação da cidade, que,

sendo uma das mais antigas do Brasil, hoje possui uma população de mais de 60 mil habitantes, sendo 90 % autodeclarados negros (IBGE, 2010).

A feira livre é o lugar mais movimentado da cidade de Santo Amaro, marcado pela alegria popular, pelo calor humano que dá vida à coletividade das pessoas. Os mercadores de rua ocupam um papel essencial na sociedade santo-amarense. A mistura das cores se sobressai em todo o espaço dando vida e luz ao ambiente que se enche de estímulo com a chegada dos fregueses. Nos dias de segunda-feira e sábado há uma maior movimentação e o espaço é dominado pelos feirantes, seus produtos e também pelos fregueses. Aos primeiros raios da manhã, uma energia específica se concentra no centro do interior de Santo Amaro. Faça chuva ou faça sol, as pessoas estão lá, aglomeradas e com seus passos acelerados, gritam e andam por todos os lados; uns apressados para adiantarem suas compras, enquanto alguns trabalhadores com seus carros de mão transitam uniformemente diante daquele tumulto.

Há pessoas que estão somente de passagem e ainda há uns que andam vagarosamente, parando de barraca em barraca para avaliar os produtos e os preços, uns param pra comer o famoso pastel da feira, ou tomar o famoso caldo de cana de açúcar feita na hora, enquanto outros seguem desorientados, em busca apenas de uma pinga e pessoas pra jogar conversa fora. O espaço se constitui sob a transitoriedade popular e sob o cenário físico e móvel da feira livre, o olfato se torna sensível em meio a tanta diversidade de produtos e cheiros fortes, o barulho se dispersa entre vozes e gritos, risos, gargalhadas e palavreados, ouve-se os latidos dos cachorros e até o cacarejar das galinhas. Enfim, a Feira Livre de Santo Amaro forma um mosaico cultural ornado por muitas e diferentes nuances.

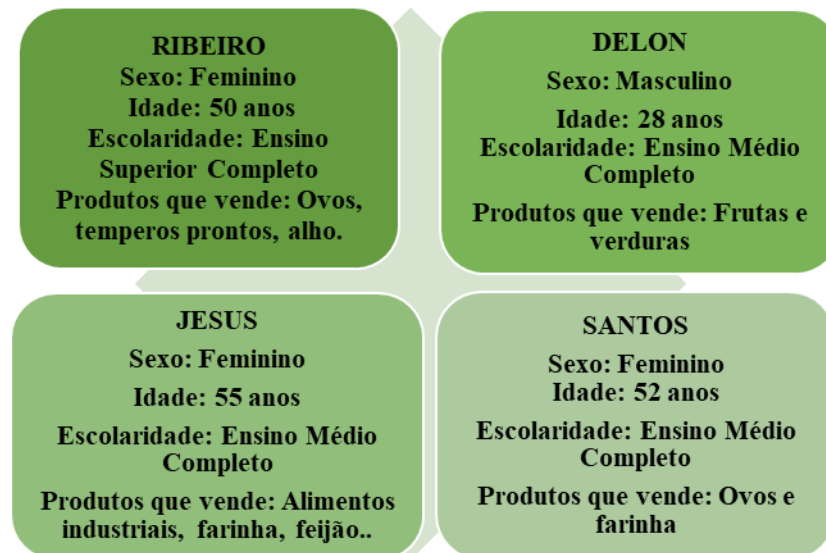
Saberes, Fazeres e Aprendizagens das Feirantes e dos Feirantes

Como já afirmamos neste estudo, a feira livre de Santo Amaro caracteriza-se como um lugar social, cultural, de aprendizagens e de diferentes representações. Nesse sentido, para entender a realidade deste ambiente é preciso ir além das teorias ou descobertas já formuladas sobre o tema. Com vistas a este entendimento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as(os) feirantes. A escolha dos participantes se deu de forma aleatória, considerando a motivação e a disponibilidade de participação.

Cabe salientar que inicialmente, a ideia era entrevistarmos seis feirantes, por considerarmos ser um número que atenderia aos propósitos deste estudo. Mas com o avanço da pandemia do COVID-19 não foi possível em função da determinação pelas autoridades em

saúde do distanciamento social; o que provocou certo receio das pessoas. Assim, a entrevista teve o número reduzido, sendo realizada com quatro feirantes: 3 mulheres e 1 homem com idades distintas, conforme ilustramos na figura a seguir:

Figura 01: Perfil dos participantes da pesquisa



Fonte: elaborada pela autora da pesquisa

A maioria dos entrevistados trabalha na feira há mais de dez anos, possui bastante familiaridade com o espaço e com os vizinhos de barracas. Ao longo das entrevistas houve pausas para que as feirantes e os feirantes atendessem a seus fregueses. Uma vez que a correria característica do movimento da feira, o vai e vem dos clientes que chegavam com assuntos e notícias variadas, absorviam a atenção das(os) feirantes que entusiasticamente se envolviam na conversa, ao mesmo tempo que fazia a propaganda dos produtos a venda. Tão logo retomavam a entrevista, sempre se justificavam desculpando-se pelas interrupções recorrentes.

Durante as entrevistas observei que as barracas são bem organizadas de forma a possibilitar que o cliente visualize todas as opções disponíveis. Já acostumados com a sua rotina, as respostas são básicas e claras, sempre acompanhadas de risos e histórias. E nesta luta diárias as participantes e o participante da pesquisa relatam com satisfação o quanto é corrida a vida na feira, uma luta diária a qual vão se adaptando as dinâmicas e dificuldades do espaço, mas sempre com a esperança de algum tipo de melhoria no local. Muitos alcançaram seus objetivos, criaram seus filhos, construíram casas e obtiveram outras conquistas, com o trabalho e o sustento da feira. Um espaço de luta, da lida diária motivado pela inserção

especialmente pelo desemprego, dentre outras razões como podemos perceber nos relatos:

Eu trabalhava no trecho, ai eu saí de férias do trabalho, fiquei por aqui pra não ficar em casa parado, botei algumas coisas pra vender. Ai quando voltei das férias, passou um tempo, eu fui demitido. Como eu já tava engajado aqui, fiquei por aqui mesmo (Feirante B).

O que me motivou foi os meninos ai que me chamou pra eu voltar pra feira livre porque eu praticamente fali no meu comércio que eu tinha entendeu, ai os meninos me intimou pra eu montar uma barraca de novo na feira (Feirante C).

(Risos) O que me trouxe aqui pra feira livre foi um namorado. Eu saía da escola, passava na barraca pra ficar ajudando ele, fui ficando, fui ficando, terminou que até hoje eu tô aqui (Feirante D).

O desemprego constituiu-se como uma necessidade de trabalhar na feira livre; uma atividade informal que poderia amenizar possíveis dificuldades, possibilitando um ganho financeiro aos feirantes B e C. No entanto, o sentimento afetivo e a vontade de colaborar se constituiu em um movimento de aproximação maior com o ambiente da feira, segundo a *Feirante D*.

A feira é um lugar de múltiplas culturas, de ampla variedade de pessoas, além de ser “um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas” (MORAIS; ARAÚJO, 2006, p. 267). Ao definirem o espaço da feira, os participantes declaram:

Pra mim o espaço é conveniente, é normal e da pra gente trabalhar com esse espaço. O que eu acho é que tinha que ter uma melhoria desse espaço, como ali onde bate o bembé, naquela cobertura onde bate o bembé. Ali precisa de um banheiro, ali precisa de uma pia, para as pessoas fazerem higiene. Aqui nesse espaço a gente ganhou um banheiro, ótimo pra gente! Mas falta ainda muita coisa pra melhorar (Feirante D).

O ambiente é bom, mas tem muita aglomeração. O povo, um em cima do outro, ai acaba fazendo aquela agonia, aquele tumulto, que não tem precisão. Mas que tava organizado tava, mas agora é uma baderna. Pra mim o espaço é bom, mas é como eu estou dizendo, ele tá muito abafado (Feirante A).

Apesar de considerarem o bom ambiente da feira, a desorganização, a falta de uma infraestrutura sanitária e as condições inadequadas de higiene são apontados como pontos negativos pelas feirantes, além de registrarem a agonia e o tumulto que se formam com a aglomeração do ambiente. O que é reforçado pelo Feirante B que considera [...] *o espaço bastante movimentado, tem muito trânsito de pessoas e nos últimos tempos está tendo um grande fluxo de veículos também, sem organização.*

O expediente de um(a) feirante começa cedo; por volta das 4h, 5h da manhã, chegam ao local, montam suas barracas com as mercadorias e aguardam a chegada dos fregueses. Nesse sentido a *Feirante A* considera que *A rotina de um feirante é amanhecer na rua trabalhando, volta pra casa... a rotina é essa, feira/casa*; sem contar aqueles que passam a noite transportando seus produtos de vendas, os quais mal conseguem dormir, amanhecem o dia no espaço. Faça chuva ou faça sol os feirantes seguem suas rotinas, no frio, no calor, em dias bons e dias ruins. Ainda sobre a realidade diária de feira, observemos as falas a seguir:

A realidade da gente é uma realidade muito sofrida, viu, e a rotina também. Ali mesmo (aponta para o local), aquelas caixas que estão sendo arrumadas, de madrugada eles vão viajar, eles arriscam a vida. Saem daqui em cima de um caminhão, sem cobertura, se chover eles tomam chuva, a mercê de assaltante. É muito sofrido pra chegar lá pra comprar mercadoria, pra voltar pra aqui. É sofrida nossa rotina. (Feirante D)

A rotina de um feirante é bastante corrida viu. Pra gente mesmo que viaja nas madrugadas, a gente sai daqui meia noite, uma hora da manhã, chega aqui no outro dia pra arrumar mercadoria e trabalhar. É uma rotina muito corrida, o dia a dia é bastante tenso. (Feirante B)

Os relatos revelam o quanto é cansativo o dia a dia de um feirante, principalmente aqueles que trabalham com frutas e verduras, pois esses se arriscam pela noite nas estradas para comprar suas mercadorias, alguns preferem vender outros tipos de produtos só para evitar a aventura noturna. Além destas dificuldades, em alguns momentos de crise as vendas tendem a cair, como exemplificado pelo *Feirante C*, ao referir-se ao período da pandemia do Corona Vírus: *É brabo, é feio, porque, ainda mais agora nessa crise que tá aí com todo mundo desempregado, a vendagem caiu muito, caiu 100%*.

A pandemia da Covid-19 foi considerada como um fato marcante uma vez que [...] logo no início da pandemia, era muita pressão aqui dos guardas, da polícia, até ameaça de ser preso aqui a gente já sofreu (*Feirante B*). E nesse sentido, muita coisa mudou na vida dos feirantes, a dinâmica da transitoriedade da feira se tornou um risco de contaminação, tanto para o freguês quanto para o trabalhador. Por sequência veio a crise econômica, as vendas diminuiriam bastante para os autônomos. Todos seguem no mesmo barco, às vezes rindo da própria miséria e se contorcendo para fazer “de um limão uma limonada”, mas também existe a fé de que é só uma fase e a união os tornam extremamente fortes nesse momento. Em época de chuvas intensas os feirantes temem que o Rio Subaé suba, uma vez que o espaço da feira ocupa as suas margens.

Na última enchente, quando o rio começou a subir a gente não achou que o rio ia invadir a feira, a gente ficou na expectativa, vai subir, não vai. Os feirantes não tiraram as mercadorias, aí o rio subiu e a gente vendo a água levando aquelas caixas cheias de mercadorias. Isso ficou na minha mente até hoje, marcante, menina um negócio, coisa, a água saiu levando assim, arrancando as plantas, e as coisas assim, flutuando (Feirante D).

A feira-livre é o primeiro lugar a ser atingido nas enchentes, o que causa bastante transtorno na vida dos feirantes. A maioria perde suas mercadorias que ficam guardadas nas próprias barracas, sem contar que muitas vezes, estas são arrastadas pela força das águas. Neste cenário, frente às adversidades não esmorecem, perseveram na crença de que tudo vai se revolver da melhor forma.

Na percepção de Silva (2007, p. 6), a feira livre pode ser comparada a “[...] escola da vida”, na qual “se faz e refaz o cotidiano, onde acontece a reprodução da vida (privada, lazer, trabalho). Diante da unicidade aparente, falseia-se o peso do lugar, espaço privilegiado das manifestações, das solidariedades, do cotidiano”; valores que vão se agregando às pessoas e aos espaços. Nessa perspectiva, perguntamos as feirantes e ao feirante, Quais os saberes necessários para trabalhar na feira livre?

Olhe, se eu... eu acho assim, a precisão obriga o ladrão, o necessário mesmo é porque, como é que se diz assim.. eu procurei, achei que eu me adaptava aqui na rua, aí eu vim e até hoje eu tô. (Feirante A)

Rapaz, eu acho que não precisa ter muito conhecimento não, por que.. aqui você tem que aprender a desembolar, você tem que saber cativar o cliente, porque se você não souber cativar o cliente.. mas não precisa ter muito conhecimento não. (Feirante B)

Ah, trabalhar na feira não é um bicho de sete cabeças, só é saber ter traquejo de procurar mercadoria barata pra poder trabalhar, pra botar uma promoção, e aí vai levando a vida. (Feirante C)

Diante das falas dos feirantes percebemos que não é necessário ter tantos conhecimentos para trabalhar na feira, mas é necessário ter a esperteza pra desembolar várias situações: pensar rápido, agradar o freguês, ser ágil. Muitos iniciaram sem experiência alguma, mas a prática foi ensinando e os companheiros de vendas também, sempre ajudando. Antes de tudo, o conhecimento básico para trabalhar na feira livre é ter contatos; bons fornecedores constituem-se como ‘a chave’ para obter sucesso nas vendas e lucros de cada um. Saber socializar é um dos aspectos mencionados várias vezes, afinal, uma boa socialização é essencial para conseguir clientes: saber cativar, ser gentil, deixar os problemas pessoais de lado.

Na feira-livre a troca de saberes e aprendizagens são diárias, o corre-corre do dia a dia não para; um ajuda aqui, outro ali, corre pra destocar um dinheiro enquanto o vizinho passa o olho nas mercadorias, e assim o dia vai passando. As aprendizagens são diárias, eles usam bastante a experiência como base para suas percepções e conhecimentos. A criatividade também é um dos aprendizados dos feirantes. No momento em que eles criam promoções para atrair clientes, constroem frases chamativas e engraçadas, e dessa forma vão levando a vida, seguindo em frente, construindo laços e aprendizagens. Neste contexto, questionamos as nossas entrevistadas e entrevistado: Quais as aprendizagens adquiridas por você com o trabalho na feira livre?

Muitas aprendizagens, eu construí aqui na rua, criei meus filhos, não dependi de pai nem de ninguém e até hoje eu tenho dois filhos, um tem 26 e a outra tem 20 (Feirante A)

Aqui a gente tem muito aprendizado, certo, aqui a gente aprende muita coisa, tanto coisa boa quanto coisa ruim. Eu mesmo por ser novato, por ter pouco tempo aqui na feira, não sabia onde a gente comprava mercadoria, essas coisas, entendeu? E feira livre é, vamos se dizer que é a casa de muitas coisas ruins, porque você vê de tudo e também você aprende um monte de coisas boas, você faz amizades, é uma variável (Feirante B).

Aprendi muita coisa aqui nesse mercado, a vida dos outros (risos), é aprendi a fazer muitas coisas, ganhei mais experiência. (Feirante C)

Eu aprendi mesmo a trabalhar com essa mercadoria minha, eu não sabia nem pra que lado ia amarrar ovos. Aí quando o namorado saía, que eu ficava na banca só, chamava um vizinho pra me ajudar. E aí quando não tinha ninguém, eu ia amarrando, amarrando, até que eu aprendi a amarrar uma placa de ovos. (Feirante D)

De fato, a feira livre é uma escola da vida real, onde a própria vida lhe ensina, as pessoas têm acesso a coisas boas, coisas ruins, mas também constroem muitos laços de amizades, que levam para a vida toda. Várias pessoas, em especial as mulheres, conseguem sua autonomia através de suas vendagens, elas tiram seu sustento e o dos filhos, algumas conseguem até construir casas.

Há aquelas pessoas que chegam sem saber nada, como a *Feirante D* que nem a placa dos ovos sabia amarrar, e aprendeu na prática, vendo outras pessoas amarrarem também. A inexperiência não é problema mas, pode causar alguns prejuízos caso você não possua a astúcia de negociar, a agilidade de procurar fornecedores bons e baratos, a lábia para atrair os fregueses.

Na dinâmica da correria do trabalho, o bom humor, os risos e os famosos fuxicos não

podem faltar. Nos intervalos entre umas vendas e outras há sempre assuntos para falar, nem que seja sobre a vida dos outros. Até mesmo os fregueses que vão à feira sempre voltam com alguma novidade que ouviu, que alguém contou...

A feira que é livre por se situar na rua ensina através da liberdade de expressão e da diversidade humana a vida em prática, sem filtro, nua e crua. A realidade das feirantes e dos feirantes é dura, todos relatam. Mas não há um dia em que não exista alegria naquele lugar, porque para eles desistir nunca foi uma opção. Independente dos problemas seguem firme e forte, alicerçados pelos laços sociais construídos ao longo do tempo, pessoas que no dia a dia se tornaram amigos, amigos que se tornaram família...

Ainda de acordo com os relatos das feirantes e dos feirantes, as relação com os clientes em sua grande maioria é satisfatória, muitos se tornam amigos. Já chegam espalhando alegrias, contando novidades e descontraindo o ambiente. Já outros não são tão gentis assim, muitos não valorizam o trabalho dos feirantes, agem com desdém diante do seu trabalho e dos produtos que vendem. Contudo, a jornada de trabalho é longa, e no decorrer do dia a dia é fundamental saber interagir com o outro, saber cativar os clientes, e naturalmente criar vínculos, laços, amizades e interações. Tais interações se tornam diversificadas, afinal existe uma variação sob os perfis de clientes que frequentam a feira livre, em termos de classes sociais, estilos de vida, etc. E o feirante cria essa experiência de lidar e dialogar com diferentes tipos de públicos, diferentes tipos de situações e imprevistos, ser feirante é saber lidar com tudo isso.

Considerações Finais

A feira livre acontece há décadas no mercado de Santo Amaro-Ba e constitui-se como um patrimônio histórico da cidade, ocupando um espaço de grande relevância social, econômica e cultural. O local é ocupado por uma significativa diversidade: étnica, cultural, nos alimentos, nas cores, uma multidão de pessoas oriundas de vários bairros e cidades, que se encontram e se socializam aleatoriamente entre si.

Na feira livre encontra-se uma variação de pessoas, negras, brancas, mestiças, indígenas, ricos, pobres, com vidas, pensamentos, religiões e costumes diferentes. Essa heterogeneidade torna o espaço propício a uma miscigenação cultural, o que influencia bastante na reprodução de práticas sociais, que se repetem ao redor de uma mesma diversidade, um mesmo cenário e uma repetição de hábitos que se conservam, enfatizando a

cultura da feira livre como uma riqueza histórica a ser mantida, com características sociais e espaciais fixas de acordo com a historicidade de cada região.

A relação entre os feirantes e os fregueses ultrapassa o sentido específico de compras e vendas ao produzir um sentido sociocultural e enfatizar a troca de conhecimentos e aprendizados contínuos; além das amizades, diálogos e parcerias que são construídas ao longo do tempo. O cotidiano da feira livre é carregado de signos e representações, desde a estrutura física do local, até as relações sociais, que se correlacionam com o tempo e o espaço, integrando o indivíduo ao seu meio e reproduzindo as práticas sociais através de uma mesma tradição e das relações baseadas em trocas de conhecimentos e ajuda mútua.

Os relatos apontam que a vida das feirantes e dos feirantes constitui-se em uma luta diária. Uma dinâmica que afeta mais a uns do que a outros. Para ser feirante não precisa de muito, pois a própria feira lhes ensina, as experiências geram conhecimentos diários, mas é preciso ter sagacidade, ser esperto, ter bons fornecedores e também usar a criatividade para atrair quem passa. Na feira as aprendizagens são diárias, ser feirante requer perspicácia, a malandragem de negociar, de pensar ligeiro, saber atrair os clientes.

O desemprego é um fato recorrente para justificar a escolha do comércio na feira-livre, mas há também aquelas pessoas que já possuem uma experiência antiga, por terem iniciado a vida, o trabalho ainda muito cedo, a fim de ajudarem a família ou filhos de trabalhadores que acompanhavam os seus responsáveis, por não terem com quem ficar. As mulheres feirantes constroem uma autonomia e alcançam a liberdade financeira através do comércio na feira livre, alimentando sua família e criando seus filhos com o sustento de suas vendas.

São anos e anos de vivências e experiências que vão se acumulando na memória de onde emergem lembranças de acontecimentos, das relações construídas durante a trajetória na feira, levando em consideração o apoio recebido pelos companheiros de vendas em momentos difíceis. Recordações de fatos marcantes como as enchentes que ocorreram algumas vezes na cidade, onde muitos feirantes perderam mercadorias e barracas, e ainda há aqueles que levam a marca dos desafios recentes enfrentados pela pandemia do COVID-19, onde o trabalho digno se tornou por um momento, alvo de ameaça.

As práticas sociais e comerciais do cotidiano da feira livre, a diversidade cultural e as relações de afeto construídas se transformam a todo instante em saberes e aprendizagens. Entre fatos e recordações, as feirantes e os feirantes sempre resistiram juntos e evidenciam a

satisfação de trabalharem neste espaço, mesmo diante das adversidades e dos momentos difíceis.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza, LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6. ed. São Paulo: EPU, 1989.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão e BARBOSA, Letícia Rameh. Feira, lugar de cultura e educação popular. In: Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica. Volume 07, Número 02, jul/dez/2004. Disponível em: <www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais>. Acesso em: 19 fev. 2021

BAHIA. Santo Amaro. In: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 21 p. 294-304. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_21.pdf. Acesso em: ago. 2015

BAHIA. Portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/288

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BRASIL. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística (IBGE)

BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas**. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Fac. Educação/UNICAMP/Brasil. **Investigar em Educação - IIª Série**, Número 1, 2014.

LA RIVA, Marta Cabbalo. **Gênero y desarrollo. El camino hacia la equidade**. Madri. Catarata. Disponível em <<http://www.mujiresenred.net/spip.php?article761>>. Acesso em 17 abril 2021.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e Sociabilidades na Feira- Livre da Cidade de Caicó (RN). In: **Caminhos de Geografia** n. 23 (17). p. 244-249, fev/2006. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406>. Acesso em 04 de abril de 2021

SAYURI, Camila. **As melhores feiras do Brasil**. Disponível em: <http://turismo.ig.com.br/noticia/2010/05/31/as-melhores-feirinhas-do-brasil+9498072.html> Acessado em: 15 de dezembro de 2020.

SÁ, Marcio. **Feirantes: Quem são e como administram os seus negócios/ Márcio Sá.** – 3. Ed. rev. – Recife : Ed. UFPE, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/41964231/feirantes_quem_s%c3%830_e_como_administram_seus_neg%c3%93cios Acessado em: 1 março 2021.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. Universidade de São Paulo, Brasil. **Psicologia & Sociedade.** 19. Edição especial 1. 95-102, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400013> . Acesso em 16 abril 2021.

SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e Lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. Anais: **II EDIPE** - Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. 04 a 06 de novembro de 2007 – Anápolis – GO. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIdiipe/pdfs/cotidianoelugar.pdf> Acesso em: março de 2021.

SINGER, Paul I, **Desenvolvimento econômico e evolução urbana.** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1987.

VERDANA, Viviane. "**Fazer a Feira**": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.